

O PAPEL DA RECOMPOSIÇÃO NA FORMAÇÃO DE NOVAS PALAVRAS

Marcio Rodrigues Mirapalhete

Lúcia Sá Rebello¹

Resumo: Esse trabalho tem como objetivo discutir os fenômenos de formação de palavras na língua portuguesa, em especial, a recomposição. Para isso, foi aplicado um exercício a alunos da rede pública de ensino, com intuito de verificar se os alunos reconhecem que os radicais gregos e latinos vêm adquirindo morfologicamente o valor de prefixo.

Palavras chave: Derivação, prefixação, recomposição.

1 Introdução

A língua viva está sempre em uma constante renovação de seu léxico, seja para atender suas necessidades comunicativa, cultural, profissional, ou apenas meras expressões advindas de regionalismos, estrangeirismos e gírias ou através de mecanismos gramaticais geradores de novas palavras. Uma palavra que hoje tem um significado, amanhã pode cair no esquecimento, desuso, ou até fazer parte de uma nova palavra, que irá designar um novo sentido para o seu uso na língua. Há duas razões para se formarem novas palavras na língua: para se utilizar o sentido de uma já existente em outra classe gramatical, ou para se preencherem as necessidade semânticas de nomeação. Assim, a formação de palavras, na língua portuguesa, tem função sintática e função semântica.

O português, assim, como outras línguas latinas, possui vários instrumentos geradores de neologismos. Todavia, destacam-se dois como principais, a saber, a composição e a derivação, e, neste trabalho, ousou citar mais um como um dos principais, a

¹ Professora da 5ª. Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

recomposição de palavras, que se configura como um processo de formação de palavras em que os primeiros elementos não são verdadeiros prefixos e, sim, pseudoprefixos, isto é, radicais latinos e gregos que adquiriram sentido especial nas línguas modernas. Nesse sentido, o usuário da língua portuguesa é muito criativo na renovação do léxico da língua. Aproveita-se de radical erudito existente na língua vindo do grego e do latim, e combina esse radical com afixos (prefixos e sufixos) para formação de novas palavras.

Este trabalho tem como objetivo mostrar de que forma a recomposição está gerando novas palavras no léxico da língua portuguesa. Pretende-se, também, observar se os alunos estão percebendo esse instrumento de renovação que está ocorrendo com radicais eruditos, advindos principalmente do grego e do latim, e que passam a exercer uma nova função morfológica na língua, assumindo um novo sentido completamente diferente do sentido original.

2 Formação de Palavras

O português, assim, como outras línguas latinas, possui vários instrumentos geradores de neologismos. Todavia, destacam-se dois como principais, a saber, a composição e a derivação,

A derivação ocorre por meio de adição de sufixos ou prefixos a um radical no intuito de formar um neologismo. A composição é um processo que se dá por meio da união de dois ou mais radicais. A recomposição, por sua vez, utiliza o radical como se esse fosse prefixo.

No entanto, Câmara Jr. (1976), inclui os prefixos na categoria da composição, dizendo que esses elementos são de natureza lexical e assumem um valor significativo que cria um novo sentido para as palavras, introduzindo no conjunto uma ideia subsidiária, o que justifica a prefixação no processo de composição; os prefixos são preposições que

mantêm traços próprios de natureza morfológica e semântica. Ao contrário do sufixo, assume o valor morfológico.

Para Câmara Jr, a composição é uma forma mais frouxa, do ponto de vista formal, pois se configura como o uso estereotipado de dois nomes, cada um conservando a sua identidade mórfica na sua flexão característica.

Para Bechara (2009, p 340), nas palavras compostas com radicais livres, do tipo *guarda-chuva*, persiste, como é fácil de se observar, a individualidade de seus componentes. Essa individualidade se traduz: a) na escrita, pela mera justaposição de um radical a outro, normalmente separados por hífen: b) na pronúncia, pelo fato de ter cada radical seu acento tônico, sendo o último o mais forte que é o que nos orienta na classificação da oposição do acento nas palavras compostas (por isso que *couve-flor* é oxítone, enquanto *guarda-chuva* é paroxítone). Em tais casos dizemos que as palavras são compostas por justaposição.

Ele também esclarece que a outra fonte de revitalização lexical são *empréstimos* e *calcos linguísticos*, isto é, palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados (empréstimos), traduzidos (calcos linguísticos), ou advindos de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos (tchê, bagual, guri), nomenclaturas (Dr.,Sr.Av.), técnicas e gírias(tri-legal, mora)) ou de outras línguas estrangeiras - inclusive grego e latim -, que são incorporados ao léxico da língua comum e exemplar.

Passamos, nas próximas seções a falar dos processos de formação de palavras na língua portuguesa.

2.1 Derivação Prefixal

Derivação prefixal é o processo pelo qual se formam palavras pela anteposição do afixo a palavras primitivas para lhe acrescentar uma nova informação. Tem por característica comum ser elemento preso e servir para formar inúmeras palavras. Para Cunha e Cintra (2001), por terem se originado de advérbios e preposições, os prefixos são mais independentes do que os sufixos, não são necessariamente formas presas. Há formações em que entram prefixos que são meras partículas, sem existência independente na língua, como *des* – em *desfazer* – ou *re* – em *recompôr*. Há outras de que participam elementos formativos que costumam atuar também como palavras independentes, é o caso de *contra* – em *contrabando* – e *entre* – em *entreabrir*.

A existência de prefixos que podem atuar como formas livres na língua, como *entre*, *sobre* e *contra*, constitui, segundo os autores, um argumento para alguns teóricos excluírem a prefixação do processo de derivação e incluí-la no processo de composição. Contudo, Cunha e Cintra (2001) mantêm a prefixação entre os processos de derivação apoiados no fato de que essa possibilidade de ocorrência independente na língua é restrita a alguns prefixos apenas, além de nem sempre ser fácil estabelecer a separação entre prefixos que são formas livres e os que são presas, como em *entrelinha* e *contradizer*.

Houaiss (2010) também concorda que vários prefixos são variantes de preposições (*com*, *sem*, *entre*), e muitos adjetivos e morfemas de significação numeral se antepõem à base léxica com um comportamento gramatical análogo ao do prefixo (*aeroespacial*, *bimotor*, *pentacampeão*). Por isso, existem bons argumentos a favor de incluir a prefixação como um instrumento de composição, como também é defensável tratá-la como um processo intermediário entre a composição e a sufixação.

Vejamos, agora, a derivação sufixal.

2.2 Derivação Sufixal

O sufixo é um termo que empresta uma ideia acessória ao radical ao qual se unem os sufixos não possuem uma independência significativa fora do radical, por isso, são chamados de formas presas. Possuem uma função morfossintática, pois, em geral, alteram a categoria gramatical do radical a que se juntam – substantivo / adjetivo, como no caso de *real / realidade*, bem como podem não realizar modificação alguma na categoria do radical ao qual se unirão, como se percebe em relação a *feio / feioso*.

Cunha e Cintra (2001) esclarecem que, através da derivação sufixal, podemos formar novos verbos, substantivos, adjetivos e até advérbios em *-mente*. Afirmam, ainda, que os sufixos serão classificados em: a) nominais – quando o resultado da junção do radical+sufixo, der origem a um substantivo ou a um adjetivo, como em *pont-eira*; b) verbais – quando o resultado da união de um radical+sufixo, for um verbo, como em *amanh-ecer*; e c) Advérbiais – quando o resultado gerado pela união de um radical+sufixo, der um advérbio, com em *bondosa-mente*.

Bechara (2009) informa que, ao lado do valor sistêmico, associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam e dos quais não se dissociam. Os valores aumentativos estão muitas vezes associados a algo pejorativo; grotesco (peotastro); os diminutivos estão vinculados à afetividade (amorzinho, paizinho).

Houaiss (2010) destaca que, pela possibilidade de conferir uma nova classe à palavra derivada, a sufixação configura-se como um processo de extraordinária versatilidade na língua. Enquanto a prefixação colabora ordinariamente para a ampliação do léxico, a sufixação, além dessa função, tem um papel importante na construção sintática dos sintagmas, das orações e até mesmo do texto.

2.3 Composição

Consiste na formação de nova palavra que possuirá um único significado e que se abandone a junção feita com um composto já existente.

Nessa categoria, incluem-se os compostos eruditos. Cunha e Cintra afirmam que são utilizados em nomenclaturas científicas, literárias ou técnicas e se originam, predominantemente, do grego e do latim. No caso dos compostos eruditos, associam-se duas palavras, uma servindo de determinante para a outra. Na língua portuguesa, vemos esse fenômeno dar origem a palavras como, por exemplo, *ambidestro* / *bípede*, advindos de radicais latinos.

Para Câmara Jr. (1976), do ponto de vista formal, o tipo mais comum de composição é a junção de duas palavras independentes, em que cada uma conserva a sua individualidade mórfica, como, por exemplo, *quadro-negro*, *salvo-conduto*, *secretária-eletrônica*, *cama-elástica*.

Entretanto Cunha e Cintra (2001) classificam a composição em três diferentes níveis:

- a) **Quanto a sua forma**, os elementos de uma palavra composta podem estar justapostos, conservando cada um sua integridade, com em *passatempo* ou em *beija-flor*; ou aglutinados, são os casos em que se subordinam a somente a um único acento tônico e sofrem perda de sua integridade fonética, é o caso de *planalto* e *aguardente*.
- b) **Quanto ao sentido**, diferencia-se em uma palavra composta o elemento determinado, que possui a ideia geral do elemento determinante, que encerra noção particular. Percebemos isso em *guarda-florestal*, onde a palavra *guarda* exerce o papel de determinado, e a palavra *florestal* o papel de determinante.

- c) **Quanto à classe gramatical dos seus elementos**, uma palavra composta pode ser formada de diferentes combinações entre substantivos com substantivos, como também com adjetivos, verbos, numerais, pronomes e advérbios, bem como adjetivos combinados com outros adjetivos; de verbos combinando com outros verbos, de advérbios combinando com verbos ou com outros advérbios e, ainda, combinações por vezes curiosas, como *Maria-vai-com-as-outras* e *tomara-que-caia*

Do ponto de vista de Bechara (2009), a individualidade das palavras compostas em radicais livres, do tipo *criado-mudo*, se traduz: a) **na escrita**, pela sua mera justaposição de um radical a outro, normalmente separados por hífen; b) **na pronúncia**, pelo fato de cada radical ter seu acento tônico, sendo o último o mais forte, o que nos orienta na classificação de posições do acento nas palavras compostas. Por essa razão, *guarda-sol*, é classificada como oxítona e *sempre-viva*, como paroxítona. Segundo o autor, não há, em princípio, restrições para a criação de nenhuma palavra composta. Uma criação é sempre possível.

Para Câmara Jr.(1976), do ponto de vista formal, o tipo mais comum de composição é a justaposição de duas palavras independentes, em que cada uma delas conserva sua individualidade mórfica, como encontramos em *obra-prima* e *salvo-conduto*. Ocorre, então, uma associação significativa e formal entre duas palavras e daí resulta uma nova, em que se combinam as significações das constituintes. Do ponto de vista morfológico, o composto pode ser um em que há subordinação de um elemento como determinante a outro como determinado (*carro-pipa*), ou uma sequência de elementos coordenados (*anglo-americano*).

Segundo o autor, o que caracteriza o processo de composição não é apenas a junção de duas formas independentes, ou a existência de pauta acentual, mas a distinção reside, sobretudo, no campo morfossemântico. Em *guarda-chuva*, há uma unidade significativa em que um dos elementos não pode ser suprimido.

2.4 Recomposição

A recomposição é um processo de formação de palavra que não se caracteriza nem pela composição e nem pela derivação. A recomposição se dá quando se utiliza, na formação de uma nova palavra, de prefixoides (falsos prefixos), também conhecidos como pseudoprefixos. É um processo que ocorre quando radicais gregos e latinos passam a ser utilizados para dar sentido contrário ao de sua etimologia original, ou seja, passam a exercer a função prefixoide.

Observe-se, por exemplo, o que ocorre em *eco* que, em sua essência, significa *casa*, *habitat*. A recomposição surgiu como um processo que passou a ser utilizado de forma aleatória, como em *ecochato*, *ecodesing*, *ecosustentabilidade*, mostrando que *eco*, no caso dos exemplos, é apenas uma redução de *ecologia*.

Cintra e Cunha (2001) apontam alguns radicais latinos e gregos que, modernamente, se comportam como prefixos, pois se prestam para formações em série, apresentando, assim, um comportamento incomum para uma base presa, como **agro**, em *agroindustrial*, *agrodólar*, *agronegócio*, *agropecuário*; **aero-** em *aeroclube*, *aeromoça*; **auto-** em *autocrítica*, *auto-ajuda*, *auto-estima*; **eco-** em *eco esporte*, *ecovila*, *ecovia*, *ecochato*, *ecomoto*, *ecodesing*.

Os gramáticos tratam esses radicais como sendo *pseudoprefixos* ou *prefixoides*, porque, além da peculiaridade acima citada, apresentam ainda as seguintes características:

- a) um acentuado grau de independência;
- b) uma significação mais ou menos delimitada e presente na consciência dos falantes, de forma que a significação do todo a que pertencem se aproxima de um conceito complexo e, portanto, de um sintagma;
- c) têm, de um modo geral, menor rendimento do que os prefixos propriamente ditos.

Reforçando ainda mais a ideia da presente denominação – pseudoprefixos –, vale mencionar algumas concepções de renomados gramáticos, como Cunha e Cintra, ao afirmarem que além da característica antes mencionada, os pseudoprefixos possuem “uma significação mais ou menos delimitada e presente à consciência dos falantes, de tal modo que o significado do todo a que pertencem se aproxima de um conceito complexo, e, portanto, de um sintagma” (CUNHA & CINTRA, 2001, p 114).

No que se refere a esses prefixos, constata-se que o prefixo *anti* (*antissocial*) denota uma ideia contrária, oposta; *auto* (*autógrafo*) significa próprio, relativo a si mesmo; *pré* (*pré-agendamento*) é relativo a algo antecipado; e *pós* (*pós-cirúrgico*), refere-se a algo que ocorre depois de um dado acontecimento.

Outro aspecto que a esses prefixos é atribuído é a chamada derivação semântica, manifestada por um processo de recomposição, justificado pelo fato de os elementos ingressarem em outras formações com sentido diverso do etimológico, como bem constatamos por meio de outros casos representativos, como a partir do radical *electro* = *âmbar*, *eletricidade*, que forma novos compostos, como “*eletrodinâmica* e *eletroscópio*”. De forma semelhante, o processo também ocorre com “*auto-atendimento* e *autódromo*”, entre outros.

Para os autores, é necessário fazer a distinção entre pseudoprefixos e radicais eruditos, que não apresentam o comportamento especial. Portanto, dependerá da derivação semântica que se evidencia, quando for processada, na qual os elementos exerceram função de pseudoprefixos.

É o caso do radical *eco* (*do gr. oîkos, 'casa, habitação*), que passou a ser utilizado em sentido diferente de sua etimologia. Observe-se o caso de *ecomoto*, palavra criada por uma empresa de telefonia celular para vincular a seu produto um valor que não prejudique o meio ambiente. Nesse sentido, há várias outras palavras que vêm sendo recompostas com o radical *eco*, mas no sentido restrito de meio ambiente, como em *ecossustentável*, *ecochoato*, *ecomala*, *ecocida*, *ecodesing*. A situação é semelhante no caso de *auto*, como, por exemplo, a palavra *automóvel*. Segundo Monteiro (1991) essa palavra “é composta de dois elementos, o primeiro dos quais pode ser empregado sozinho com o mesmo valor do

conjunto, ou seja, **auto** em vez de **automóvel**. Acrescentando-se outra base, teremos **autódromo**, que constitui um caso de recomposição” (MONTEIRO, 1991, p. 170).

Do ponto de vista do autor, para a recomposição, é imprescindível que um dos elementos “represente um composto existente na língua” (MONTEIRO, 1991, p. 170). Dessa forma, **autódromo** está relacionado, pelo sentido, com **automóvel** e não com o radical grego **auto** que aparece, por exemplo, em **autógrafo**. Assim, pode-se dizer que **hipódromo** é uma palavra que se formou por composição, mas **autódromo** configura-se como recomposição.

Embora se acredite que não seja por desconhecimento e sim por opção, não se concebe o fato de muitos gramáticos e autores de livros didáticos deixarem de mencionar este riquíssimo processo de formação de palavras da língua portuguesa – a recomposição – como um processo de renovação do léxico da língua.

No entanto, a recomposição está presente no dia a dia de todo falante da língua, gerando novas palavras, como no caso de *ecossustentável*, palavra composta por eco, prefixo grego com sentido de vida, mas que, na formação apresentada, perdeu o sentido primeiro e passou a se referir a meio ambiente, à ecologia, perdendo, portanto, o seu sentido original.

Assim, a maioria dos autores de livros didáticos dá ênfase, principalmente, à *composição* e à *derivação* por serem os processos mais produtivos no que diz respeito ao surgimento de novas palavras no léxico da língua. Em nenhum momento é mencionado a existência do processo de *recomposição* como formador e renovador de palavras da língua. É como se ela não existisse como formadora e renovadora do nosso léxico, embora os autores façam referência a outros processos formadores de novas palavras, como é o caso da derivação regressiva, da derivação imprópria, da onomatopéia, da abreviação.

Acredito que a não referência a esse processo está impossibilitando que alunos e falantes da língua tenham o conhecimento da existência da recomposição como um mecanismo que a língua faz uso na renovação de seu léxico. E o que é o mais grave, do meu ponto de vista, impedindo que o usuário da língua perceba que esse radical que se une

a outra base está exercendo a função de um falso prefixo, já que não traz a sua carga etimológica original. Pode-se perceber o fato com os radicais *eco*, *bio* e *auto*.

Dos autores utilizados nesse trabalho, Cunha e Cintra e Monteiro fazem uma abordagem mais minuciosa em relação à recomposição, mencionando qual o comportamento assumido pelos radicais em um contexto global, e destacando as características que passam a ter esses radicais que atuarão no composto como prefixoides.

Também Azeredo (1998), em **Gramática Houaiss da língua portuguesa**, faz menção à recomposição demonstrando o processo através da palavra fotonovela (novela por meio de fotografia), para exemplificar a presença do fenômeno. Ele mostra, assim, que o radical *foto* é, utilizado fora do seu etimológico que seria “de luz”. Entretanto, o autor, não se aprofunda na explicação de como o fenômeno ocorre e qual o papel que esse radical passa a exercer dentro da nova palavra.

3 A Recomposição e a Sala de Aula

No dia 13 de setembro de 2011, estive na Escola Estadual Antonio de Castro Alves, localizada no município de Alvorada, com o objetivo de obter permissão da escola para aplicar um exercício sobre formação de palavras para ser anexado como *corpus* neste trabalho. Esse exercício continha uma lista de 25 palavras e três alternativas como resposta para a seguinte pergunta: **Que processo formação foi empregado na criação das seguintes palavras?** Ao lado de cada palavra havia três alternativas como resposta.

Exemplo:

Ecomoto () derivação () formação erudita () composição

Cabe ressaltar que a aplicação ocorreria sem uma aula expositiva para os alunos, pois a intenção era observar se haveria o reconhecimento, por parte deles, que certas palavras não se formavam por derivação e nem por composição.

Chegando à escola, fui recebido pela supervisora, que me disponibilizou a turma 117, de primeiro ano do ensino médio para a realização da atividade. Os alunos, meio surpresos e apreensivos, não entenderam inicialmente o que era pedido, porque não lembravam quais eram os processos formadores de palavras. Contudo, expliquei que se tratava apenas de um levantamento de dados para meu curso e que eles não seriam avaliados pela tarefa, pois se tratava apenas de uma pesquisa para análise de dados. Assim, eles se dispuseram a responder e, então, distribuí para os 24 alunos a folha de exercício. Aguardei por volta de uns 20 minutos que todos entregassem as suas respostas.

Das vinte e cinco palavras, as que não eram formações eruditas, a grande maioria acertou. No entanto, as que continham em sua composição radicais eruditos, exercendo a função de prefixoides, um grande número de alunos, não a totalidade, apontou que essas palavras eram formadas por derivação prefixal.

Como pude perceber, a maior dificuldade do grupo residiu no fato de não reconhecerem as palavras formadas por radicais eruditos, ou seja, a formação erudita. Assim, dificilmente, poderiam dar-se conta da recomposição, uma vez que não conhecem esse processo, já que o livro didático não apresenta esse tópico e, provavelmente, o professor não trabalha em sala de aula.

Pode-se afirmar que pouca ênfase é dada ao processo de recomposição por parte dos gramáticos e autores de livros didáticos. Mas, mesmo assim, dentre os vinte e quatro alunos, cinco acertaram, pelo menos, algumas palavras com prefixos de formação erudita, embora eu acredite tenha sido mais por intuição do que por conhecimento do fenômeno da recomposição como um processo formador de novas palavras dentro da língua portuguesa.

Como se sabe, os alunos são expostos a listas de radicais gregos latinos descontextualizados e distantes de seu cotidiano. Como apenas cinco alunos reconheceram algumas palavras de formação erudita, pode-se concluir que são alunos que não decoram apenas a lista de radicais, mas que se detiveram em analisar o sentido da palavra. No entanto, me surpreendeu que os alunos tenham acertado o processo formador da palavra *autocomiseração*, apontando-a como formação erudita, embora tenham errado as de processos por eles já visto, como, por exemplo, *passatempo*.

A seguir, algumas atividades que podem ser aplicadas no ensino médio:

- Procurar em manchetes de jornais e revistas palavras construídas, com radicais eruditos.

- Discutir se o radical mantém o sentido etimológico, na palavra a qual esta sendo empregado. E se não mantém em que sentido o radical na palavra, buscar interpretar em que novo sentido ele esta desempenhando na palavra.

- Fazer um jogo de memória com os radicais, onde deve juntar o radical erudito com seu par etimológico correspondente.

Considerações Finais

Para que os usuários da língua nativa saibam que há diferentes maneiras de se criar novas palavras em sua língua, é necessária uma união entre gramáticos, autores didáticos e professores para dar conhecimento de todos os meios de formação de palavras em nossa língua.

Para isso, é importante que professores não utilizem apenas os livros didáticos e as gramáticas, para mostrar como está se dando a renovação de palavras em nossa língua. É necessário que busquem levar textos de jornais, revistas, anúncios de publicidade para mostrar palavras que surgiram do processo de recomposição. Acredito que depois dessa atividade é que se deve passar a trabalhar o tópico sobre radicais eruditos. Só assim pode-se trabalhar a formação de palavras sem deixar de lado nenhum dos processos de renovação do léxico da língua. Deve-se discutir em profundidade o que cada palavra traz de sua raiz etimológica e, ao mesmo tempo verificar se o emprego, em determinado contexto está de acordo com o seu significado original.

Dessa forma, o professor fará com que os alunos tomem conhecimento desse importante processo de formação de palavras – a recomposição – que, embora omitido do processo de ensino da língua, está cada vez mais presente nos processos de formação de palavras de nossa língua.

Referências

- AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 11 ed. São Paulo: Ática, 1998.
- BECHARA. E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CADORE, L. A. **Curso prático de português, literatura, gramática, redação**. São Paulo: Ática, 1998.
- CAMARA JR. J. M. **Historia e estrutura da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- CEREJA, W. R.; MAGALHAES, T. C. **Português: linguagens**. São Paulo: Atual, 2003.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FERREIRA, M. **Entre palavras**. São Paulo: FTD, 1998.
- MICHAELES: **Dicionário escolar da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2008.
- MONTEIRO, J. L. **Morfologia portuguesa**. Campinas: Pontes, 1991.
- PEREIRA, H. B.; PELACHIN, M. M. **Português: na trama do texto**. São Paulo: FTD, 2004.

SARMENTO, L. L.; TUFANO, D. **Português: literatura, gramática, produção de texto.** São Paulo: Moderna, 2004.

SARMENTO, L. L. **Gramática em texto.** 2. ed. ver. São Paulo: Moderna, 2005.

TERRA, E.; NICOLA, J. de. **Gramática, literatura e produção de texto para ensino médio.** 2. ed. São Paulo: Scipione, 2002.